

O QUE É SER HOMEM NO BRASIL?

WHAT IS IT TO BE A MAN IN BRAZIL?

¿QUÉ ES SER HOMBRE EN BRASIL?

Bruno Henrique Rodrigues de Oliveira¹

Resumo: O ensaio tem como objetivo evidenciar as simetrias da masculinidade presentes na obra Casa Grande & Senzala de Gilberto Freyre. Desvendando as interfaces entre construção da família patriarcal, as práticas religiosas e sexuais e as representações no sistema colonial apontadas pelo autor.

Palavras-chave: Sistema Colonial; Masculinidades; Patriarcado

Abstract: The essay aims to highlight the symmetries of masculinity present in Gilberto Freyre's work Casa Grande & Senzala. Unraveling the interfaces between the construction of the patriarchal family, religious and sexual practices and representations in the colonial system pointed out by the author

Keywords: Colonial System; Masculinities; Patriarchate

Resumen: El ensayo tiene como objetivo resaltar las simetrías de masculinidad presentes en la obra Casa Grande & Senzala de Gilberto Freyre. Desentrañar las interfaces entre la construcción de la familia patriarcal, las prácticas y representaciones religiosas y sexuales en el sistema colonial señalado por el autor.

Palabras-clave: Sistema Colonial; Masculinidades; Patriarcado

INTRODUÇÃO

Gilberto Freyre desenvolveu em sua obra Casa Grande & Senzala escrita 1933, uma interlocução entre o processo de colonização, proveniente da invasão dos portugueses aos trópicos brasileiros, e assimetrias sociais construídas entre os povos do continente africano e os mouros². O interesse sobre esta obra é retratar as perspectivas sobre a idealização de um pensamento social que se forma na década de 30, efeito de uma concepção desenvolvimentista instigada pelo incentivo à produção intelectual nacional sobre o Brasil.

1 Mestrando no Programa de Pós-Graduação Em Justiça e Segurança (PPGJS) - UFF, Licenciado em Ciências Sociais pela Universidade Federal Fluminense - UFF Campos dos Goytacazes (2016-2019).

2 Termo designado para denominar os povos que viviam na antiga província romana da Mauritânia, onde atualmente fica o Norte de África. O que o autor pontua é que a cor de pele das Mouras se assemelhava com a pele das índias espalhadas pelos trópicos.

Em sua obra, Gilberto Freyre exemplificou sobre a colonização brasileira as adaptações plásticas que esta sociedade potencializou, não apenas nas questões climáticas e sociais, mas também de se reinventar através da cultura e suas influências, tanto intrinsecamente como nos processos exploratórios de destrinchar a possibilidade de uma miscibilidade³ cultural e racial.

A ordem de interesse na capacidade “econômico”⁴ encontrada no vasto território, fez com que D. João III enviasse uma carta para Martin Afonso informando a intenção de povoar o Brasil como colônia, em 1532 já havia quase um século da permanência dos portugueses no Brasil (FREYRE, 2003: 32), concebendo um sistema com base patriarcal, agrária de monocultura. Uma sociedade que se constituía não apenas politicamente em função dos senhores do engenho, mas também do seu lugar no espaço cotidiano.

Duarte Coelho, enriquecido pela experiência da Índia, entrega D. João III a nova capitania de Pernambuco; seus filhos, Jorge e Duarte de Albuquerque, adestrados nos combates contra os índios americanos, são chamados às guerras mais ásperas na África; da Madeira vêm para os engenhos do norte do Brasil técnicos no fabrico do açúcar. Aproveitam-se os navios da carreira das Índias para o comércio com a colônia americana. Transportam-se da África para o trabalho agrícola no Brasil nações quase inteiras de negros. Uma mobilidade espantosa. O domínio imperial realizado por um número quase ridículo de europeus correndo de uma para outra das quatro partes do mundo então conhecido como em um formidável jogo de quatro cantos (FREYRE, 2003: 35).

A matriz dos impulsos sexuais de uma estrutura social paternalista, onde o autoritarismo era descendente da vontade masculina, configurava a família com sua fisionomia ancorada entre o português e as mulheres indígenas. Os homens vislumbravam nas feminilidades presentes no território algo que lhe cobijava e aumentava seu desejo sexual, as mulheres de pele avermelhada, gordas e de longos cabelos pretos se assemelhavam com as mulheres mouras:

Organizada a sociedade colonial sobre base mais sólida e em condições mais estáveis que na Índia ou nas feitorias africanas, no Brasil é que se realizaria a prova definitiva daquela aptidão. A base, a agricultura; as condições, a estabilidade

3 Condições sempre tensas e vibráteis de contato humano entre a Europa e a África; o constante estado de guerra (que entretanto não excluiu nunca a miscigenação nem a atração sexual entre as duas raças, muito menos o intercuro entre as duas culturas).

4 O colonizador português do Brasil foi o primeiro entre os colonizadores modernos a deslocar a base da colonização tropical da pura extração de riqueza mineral, vegetal ou animal - o ouro, a prata, a madeira, o âmbar, o marfim - para a criação local de riqueza (FREYRE, 2003: 39).

patriarcal da família, a regularidade do trabalho por meio da escravidão, a união do português com a mulher índia, incorporada assim à cultura econômica e social do invasor (FREYRE, 2003: 31).

A bicontinentalidade⁵ ou o dualismo cultural que ocorreu no Brasil deixou evidente um antagonismo não apenas na construção híbrida e sexual da sociedade portuguesa, mas como esta interfere diretamente em nossa sociedade. O estado é formado por um sistema patriarcal no qual o homem se encontra no centro das relações políticas, sociais e econômicas se fazendo presente nas relações de poder. Evidente que neste contexto já se diferenciava a relação racial entre o homem branco, dono do engenho, que representa o lugar de maior aristocracia e o homem negro que mantinha suas relações dentro da senzala, servindo como mão de obra do senhor do engenho.

O que se sente em todo esse desadorno de antagonismos são as duas culturas, a europeia e a africana, a católica e a maometana, a dinâmica e a fatalista encontrando-se no português, fazendo dele, de sua vida, de sua moral, de sua economia, de sua arte um regime de influências que se alternam, se equilibram ou se hostilizam. Tomando em conta tais antagonismos de cultura, a flexibilidade, a indecisão, o equilíbrio ou a desarmonia deles resultantes, é que bem se compreende o especialíssimo caráter que tomou a colonização do Brasil. (FREYRE, 2003: 34).

Analisar o sistema colonial é também perceber as relações de construção da masculinidade brasileira e a identidade do “homem”, seja em sua diferenciação de classe, raça e gênero, seja com as imposições na elaboração do poder do estado e a idealização da família. A obra de Gilberto Freyre nos permite identificar eixos reguladores das relações de poder familiar e instauração de uma ordem política. Por esse motivo, o presente ensaio busca como ponto de partida analisar as simetrias na construção da masculinidade e também aspectos para se pensar a formação inicial do patriarcado a partir da obra *Casa Grande & Senzala* de Gilberto Freyre (2003).

5 Vários antecedentes dentro desse de ordem geral – bicontinentalidade ou antes, dualismo de cultura e de raça – impõem-se à nossa atenção em particular: um dos quais a presença, entre os elementos que se juntaram para formar a nação portuguesa (FREYRE, 2003: 34).

CONSTRUÇÃO DA FAMÍLIA

Parte das políticas usadas para aumento populacional⁶ na estrutura colonial foi à exploração sexual das mulheres indígenas, o que cominou no aumento do trabalho técnico braçal nas relações familiares, justificado pelo desejo, ou apresentado como ardor, fogo ou provocação, as mulheres induziam os homens a terem relações sexuais com elas, quase como que uma áurea mística que envolvia o desejo dos homens portugueses⁷:

O europeu saltava em terra escorregando em índia nua; os próprios padres da Companhia precisavam descer com cuidado, senão atolar o pé em carne. Muitos clérigos, dos outros, deixaram-se contaminar pela devassidão. As mulheres eram as primeiras a se entregarem aos brancos, o mais ardente indo esfregar-se nas pernas desses que supunham deuses. Davam-se ao europeu por um pente ou um caco de espelho (FREYRE, 2003: 80).

O homem preenche o lugar do desejo e também das condições de caracterização das mulheres em categorias e modelo “com relação ao Brasil, que o diga o ditado: branca para casar, mulata para foder negra para trabalhar” (FREYRE, 2003: 36), mesmo que seja visível na obra que a mulher branca senhora do engenho tenha seu lugar de prestígio e controle sobre outras mulheres principalmente a mulher escrava é notório que o homem possibilita esta ação.

O ciúme gerado pelo desejo do senhor do engenho por mulheres não brancas fora do casamento, causava a fúria da senhora do engenho, que por vezes mandava cortar parte do corpo das mulatas do seu marido, para reivindicar o seu lugar de poder tanto de status como sexual:

Pode-se, entretanto, afirmar que a mulher morena tem sido a preferida dos portugueses para o amor, pelo menos para o amor físico. A moda de mulher loura, limitada, aliás, às classes altas, terá sido antes a repercussão de influências exteriores do que a expressão de genuíno (FREYRE, 2003: 33).

6 A escassez de capital homem supriu-na os portugueses com extremos de mobilidade e miscibilidade: dominando espaços enormes e onde quer que pouse sem, na África ou na América, emprenhando mulheres e fazendo filhos, em uma atividade genésica (FREYRE, 2003: 35).

7 Aos portugueses parece que a mística do vermelho se teria comunicado através dos mouros e dos negros africanos; e tão intensamente que em Portugal: o vermelho domina como em nenhum país da Europa, não só o traje das mulheres do povo. (FREYRE, 2003, p.110).

O envolvimento dos homens brancos com mulheres índias tinha se institucionalizado pela necessidade de aumento populacional e político, o desejo foi incluído no coito visando proliferar filhos e mão de obra para se constituir a colônia. Os aspectos religiosos monogâmicos, por conta de uma estrutura católica, permitiam o casamento dos homens brancos com mulheres índias a fim de se efetuar a colônia.

O sistema monogâmico europeu se chocou com práticas “sexuais poligâmicas” dentro dos trópicos brasileiros. As relações sexuais no convívio das mulheres indígenas abrilhantavam os olhos portugueses ao mesmo ponto que estes induziam moralidades as práticas sexuais:

Foi misturando-se gostosamente com mulheres de cor logo ao primeiro contato multiplicando-se em filhos mestiços que uns milhares apenas de machos atrevidos conseguiram firmar-se na posse de terras vastíssimas e competir com povos grandes e numerosos na extensão de domínio colonial e na eficácia de ação colonizadora. (FREYRE, 2003: 35)

Na obra percebemos que o autor exprime atributo das relações carnis do envolvimento sexual, que são fruto do encadeamento da miscibilidade das relações entre portugueses e as índias, suje o caboclo, que por vezes apresentava pele clara e cabelo ruivo. Os meninos filhos das relações desenfreadas apresentavam na pele as marcas da miscibilidade e hibridismos dos portugueses com os nativos, tanto nas questões raciais como na proliferação de infectologistas com a sífilis:

Neste o amor foi só o físico; com gosto só de carne, dele resultando filhos que os pais cristãos pouco se importaram de educar ou de criar à moda européia ou à sombra da Igreja. Meninos que cresceram toa, pelo mato; alguns tão ruivos e de pele tão clara, que, descobrindo-os mais tarde a eles e a seus filhos entre o gentio, os colonos dos fins do século XVI facilmente os identificaram como descendentes de normandos e bretões (FREYRE, 2003: 81).

A IGREJA E A VIDA SEXUAL

As práticas morais proferidas pela igreja católica condenavam o modo no qual os ameríndios se comportavam sexualmente. Os corpos indígenas que se apresentavam nus, muitas vezes com pinturas estampadas em suas peles, além das diversas formas de organização familiares que, eram distintos, em grande medida, dos núcleos familiares presentes na Europa.

No pensamento cristão as relações do casamento estavam privatizadas no seio familiar. Através da presença da catequização, da vinda dos jesuítas e dos próprios comissários da fé, começa a ser instaurada uma jurisdição sobre o casamento no sistema colonial brasileiro. Essa jurisdição foi travada no modelo que se constituía os ideais da metrópole, sendo uma sociedade hierarquizada onde os modelos de justiça estão em forma inquisitorial.

As capelas dentro do engenho garantiam a ordem e a fortificação do catolicismo “todos em nome da fé cristã”. A família a qual conhecemos estava sendo moldada dentro do sistema colonial. O português encontrou na mulher indígena a chance de construção da família, mas também de se alicerçar culturalmente nos trópicos brasileiros. O modelo familiar patriarcal, com o homem branco sendo o centro das relações se codifica com a própria terra, agora a cultura eurocentrada se misturava ao clima quente e ao ardor sexual:

À mulher gentia temos que considerá-la não só a base física da família brasileira, aquela em que se apoiou, robustecendo-se e multiplicando-se, a energia de reduzido número de povoadores europeus, mas valioso elemento de cultura, pelo menos material, na formação brasileira (FREYRE, 2003: 81)

O homem está no epicentro da formação do engenho, ele possui o controle sobre a esfera política, econômica e religiosa. Tudo está em volta do seu desejo, que se apresenta sadicamente nas relações de controle, com isso, a virilidade ocupa lugar notório, tanto na construção do ser “homem” como para exercer o lugar de senhor do engenho.

Essa construção se inicia rapidamente de forma prematura, o menino jovem possuía seu próprio escravo que era presente e dividido entre momentos de afetividade e violência, o escravo era objeto deste “pávulo”⁸, não apenas para as questões de trabalho, mas também de início da vida sexual. “A virilidade masculina” se externava com as mulheres índias e as escravas, em uma relação entre o espancamento das escravas e o amor físico, assim o menino se tornava “homem”.

A engrenagem que movimenta a vida social, política, religiosa e econômica dentro da esfera colonial estava gravitando dentro do engenho, se o engenho possui um dono, é o patriarca e tudo que está dentro deste sistema passa pelo seu controle. Os sujeitos pertencem a esse senhor, as mulheres, filhos e escravos, com isso o sistema de controle dos corpos está

8 O menino filho do senhor de engenho.

formado, entre quem possui o poder de administração, não apenas das relações, mas também o domínio da ordem e violência.

Os aspectos que introduzem o debate sobre a formação do estado no Brasil, nos orientam a pensar em como o próprio patriarcado define uma realidade e perspectiva que implica nas relações de classe e raça. No entanto, como algo presente, pode ser observado que o lugar da família ocupa um ponto essencial para se entender as lógicas de construção da masculinidade.

Esta lógica onde um estado formado por agentes que mais desigualam do que igualam, reafirmando marcadores de diferenciação entre os indivíduos, seja nas relações de quem tem acesso e controle dos meios, como o próprio engenho, seja também na ordem familiar regulada e orientada pela desigualdade. O engenho se estratifica dentro de um sistema orgânico que se funda em uma ordem dual, uma matriz hierarquizada de controle e que vai se estender para todas as esferas criando um modelo regulador familiar, de ordem moral que codifica as práticas dentro do engenho.

O que torna ainda mais legítimo o lugar do “senhor do engenho” é como a sua estética voltada para as relações de controle institucional está no controle dos corpos e na própria instauração do estado. Mesmo que na obra *Casa Grande & Senzala*, não aborda a relação do “espaço público” a qual trabalhamos atualmente, é importante salientar que o autor já deixa claro como as relações ocorriam dentro do engenho, todas as esferas de ensino, saúde, relações nutricionais, religiosas e econômicas estavam dentro do controle do senhor.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Deve-se entender a importância da análise da obra de Gilberto Freyre *Casa Grande & Senzala*, tal pensamento nos leva a refletir sobre aspectos da formação da masculinidade instaurada em nossa sociedade, presente nas formas de se relacionar entre as esferas da vida familiar e no âmbito social. Entender que a masculinidade não está em um campo estático, mas em transformação, em formação social em conjunto com as esferas de divisão do estado, o “ser homem” está instaurado no seio familiar. Normativas⁹ por vezes naturalizadas pela nossa sociedade onde o indivíduo se torna homem através das violências instauradas na construção do gênero masculino.

9 Existe uma normatização das relações sociais de gênero e raciais presentes na obra. Evidenciou que o autor distancia a ideia de análise crítica sobre como os arquétipos de masculinidade são construídos como formadores sólidos da ideia de família. Porém o homem a qual se constitui a ideia de família na obra é o “homem, branco, cisgênero e socialmente aceito pelos espaços de sociabilidade da casa grande, o homem negro dentro da obra aparece como objeto central do domínio deste senhor do engenho que controla e tipifica o corpo negro.

O senhor, aquele que é representado na obra como detentor do controle das relações presentes no engenho, tem sua formação na base do patriarcal que tem como centro o homem da obrigação administrativo não apenas do engenho, mas também da ordem familiar, sua masculinidade assim como se apresenta está na violência da ordem, da regência da casa e da ordenação econômica.

O homem instaurado na sociedade brasileira a mais alta hierarquia do poder das relações de gênero. Logicamente, neste contexto, trabalhamos a idealização da masculinidade nos aspectos do homem branco que possui a heterossexualidade com junção das práticas permitidas e aceitas dentro do conjunto familiar. O estado ou o bem público como conhecemos na esfera atual se constitui na visão deste homem português e híbrido que olha para os prazeres para seu seio único e as liberdades da sua própria lei moral.

O pávulo o jovem menino que já em sua primeira infância precisa se ordenar nas esferas impostas pelos homens mais velhos, que vê no sadismo um lugar para se legitimar ao desejo e as obrigações da virilidade sexual. Quando o pávulo não reproduz a normativa de masculinidade, os homens de maior idade, ocupa-se de conar e desaprovar o menino, pois para a solidificação da masculinidade para o autor, existe uma lógica de representação de arquétipos, virilidade/violência o homem na esfera colonial que ocupa o lugar de senhor do engenho precisa ser viril e violento e sua descendência também precisa manter a ordem.

Os antagonismos entre um sistema brasileiro que desiguale uma sociedade, mas também caracteriza os indivíduos e constroem códigos de conduta do qual o processo colonial e as variações de contingente híbrido não apenas afetam as relações entre raça, mas também nas etiquetas previstas para cada conduta de gênero. Os locais e espaços ocupados por homens e mulheres que vêm sendo transformados ao longo de nossa sociedade, também são reprimidos por lógicas enclausuradas nos modelos morais do que o próprio estado ou sociedade se reconhece como masculino e feminino,

Tal lógica em sua gênese se instaura no modelo da família colonial, os laços familiares previstos dentro do ceio da vida presente no engenho, o homem com todos os seus pudores e também transgressões da sexualidade a própria relação entre o homem branco e o negro, entre a senhora do engenho e a escrava todos estavam no mesmo sistema orgânico com divisões de classe e raça, mas fomentavam não a penas as diferenças, mas as características do paradigma da apropriação e representações a hegemonia masculinidade dos homens brancos.

REFERÊNCIAS

FREYRE, Gilberto. **Casa-grande & senzala**: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal. 48.ed. Recife: Global Editora, 2003.

FREYRE, Gilberto. **Sobrado e Mucambos**: decadência do patriarcado rural e desenvolvimento urbano. 15.ed. São Paulo: Global Editora, 2013.